

CRISTO E SCHOPENHAUER: DO “AMAR O PRÓXIMO COMO A TI MESMO” À COMPAIXÃO COMO FUNDAMENTO DA MORAL MODERNA

JÉSSICA LUIZA S. PONTES ZARANZA¹

WELLINGTON ZARANZA ARRUDA²

¹ Mestranda em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará. Possui licenciatura em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará.

² Graduando em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará. Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) em Filosofia.

Resumo: Cada um é para si mesmo seu próprio mundo, e dá continuidade a esta guerra de todos contra todos que caracteriza a vida social. Para Schopenhauer, a única forma de elaborarmos o nosso egoísmo é a alteridade da compaixão, que é de fato o fundamento da moral segundo este autor. Quando somos compassivos, nos enxergamos no outro e nos sensibilizamos com o sofrimento do outro. Ao cabo do processo de ver-se no outro, negamos que somos múltiplos e atingimos a ideia de que somos um só, negando a dinamicidade da pluralidade que é gerada pela vontade de vida. A aproximação deste pensamento com a ética cristã não é mera coincidência. A opção apresentada por Schopenhauer e que segundo ele fora seguida pelos santos e por Buda é a negação dessa vontade, concordando, assim, com a ética cristã. Em algumas passagens de sua obra, Schopenhauer faz referência à correspondência que existiria entre a sua filosofia e o cristianismo. Ele afirma, por exemplo, que sua filosofia contém os resultados morais do cristianismo. O presente artigo tem como objetivo tornar nítida essa semelhança entre a moral do amor schopenhaueriana e a ética cristã.

Palavras-chave: Moral. Fundamento. Compaixão. Cristo.

A ética schopenhaueriana, não diferente das éticas anteriores, investiga a base de toda ação moralmente boa. O pensamento de Schopenhauer opõe-se a qualquer tipo de moral de fundo deontológico, teleológico ou normativo, firmando-se como uma análise descritiva da moral, ou seja, é uma tentativa de explicar o fenômeno moral não a partir de causas abstratas, especulativas, irreais ou conceitos que se encontram fora do mundo, mas a partir do que existe em concreto, como uma forma de enxergar o agir humano por meio de uma lente cujo caráter pragmático está incrustado no tempo presente e no existente real, como ele mesmo nos diz que somente o presente é aquilo que existe e se mantém firme e imóvel, pois é só com isso que podemos contar no processo de análise do agir moral. No entanto, tem por alvo a intelecção do conteúdo do fato ético³. Para Schopenhauer, o conteúdo do fato ético nada mais é do que o restabelecimento, e depois a negação, da unidade originária do querer. Quando aborda a questão da ética, este autor a define como uma opção: seja a afirmação ou a negação da vontade. Esta opção decorre de que o problema ético das condutas humanas resulta da incompreensão da vontade. Ora, como somos intrinsecamente vontade de vida, somos conduzidos

³ Há, de um modo geral, na ética clássica, a prescrição de boas ações, ao passo que na ética schopenhaueriana, a ética é meramente descritiva, isto é, investiga o solo da boa ação, sem a ensinar.

a uma batalha de todos contra todos. Os existentes brigam para manter sua existência em nome dessa realidade única que é a vontade. Logo, a representação nos lega o plural (isto é, a percepção de que somos vários), que é uma ilusão decorrente da efetivação da vontade.

Cada um é para si mesmo seu próprio mundo, e dá continuidade a esta guerra de todos contra todos que caracteriza a vida social. Assim, a única forma para Schopenhauer de elaborarmos o nosso egoísmo é a alteridade da compaixão, que é de fato o fundamento da moral segundo este autor. Quando somos compassivos, nos enxergamos no outro e nos sensibilizamos com o sofrimento do outro. Ao cabo do processo de ver-se no outro, negamos que somos múltiplos e atingimos a ideia de que somos um só, negando a dinamicidade da pluralidade que é gerada pela vontade de vida.

É milagroso o sentimento de compaixão em um mundo egoísta e semelhante a um inferno. A compaixão quer o bem alheio, e chega à nobreza de caráter e à bondade. Ao contrário das ações motivadas pelo egoísmo, na compaixão a Vontade não está pluralizada pelo princípio de razão. O sentimento compassivo é, portanto, a única fonte das ações não egoístas, de amor ao próximo: “Todo amor é compaixão” (MVR § 66, p.471). Poderíamos citar a frase “ama o teu próximo como a ti mesmo” (Mateus 22:39) atribuída a Jesus Cristo, e isto não é mera coincidência.

Em algumas passagens de sua obra, Schopenhauer faz referência à correspondência que existiria entre a sua filosofia e o cristianismo. Ele afirma, por exemplo, que sua filosofia contém os resultados morais do cristianismo e, para que estes resultados possam ser preservados, seria necessário recorrer à sua filosofia. Segundo Schopenhauer:

Os resultados morais do cristianismo, até a mais alta ascese, encontram-se em mim racionalmente fundamentados e em conexão com as coisas, ao passo que no cristianismo estão fundamentados por meras fábulas. A fé no cristianismo desaparece cada dia mais e, por isso, se tem de recorrer à minha filosofia. (SCHOPENHAUER, p.120 [*Fragments sobre a História da Filosofia.*])

Em razão do esclarecimento, a influência da religião começou a desaparecer, e junto com ela também a sua função ética. Para Schopenhauer, os fundamentos da ética apodreceram e agora necessitam de novos apoios. No capítulo IV da obra *O mundo como vontade e representação*, Schopenhauer retoma

as análises do mundo, agora pela perspectiva da Vontade, apontando a ética compassiva como o fundamento moral das ações humanas. Esse fundamento só pode ser encontrado por meio da experiência imediata com o mundo, ou seja, nas relações diretas com os seres e não em hipóstases da razão como defendeu Kant⁴. É através da experiência com o mundo, que o verdadeiro fundamento moral pode ser efetivado, tendo em vista que é no campo das relações com os indivíduos reais que se dão as inferências para uma proposta moral. Esses indivíduos sentem, desejam, decidem e efetivam suas ações cotidianamente, e é por isso mesmo que um fundamento moral deve ter como ponto de partida a realidade fenomênica como condição para a sua realização.

A compaixão, como fundamento moral, parte de um duelo direto contra o egoísmo por ser esse o impulso mais evidente da natureza humana que se estrutura numa visão fragmentada da realidade. A experiência compassiva é capaz de destruir a separação entre o ‘eu’ e o ‘o outro’, que é uma ilusão provocada por meio do *principium individuationis*, e fazer o homem estabelecer uma outra relação voltada para valores mais essenciais, tais como a compreensão da Idéia de humanidade, ou a compreensão da importância da vida dos demais seres vivos. Por meio do egoísmo, o indivíduo, mergulhado na ignorância de um entendimento no qual o mundo é tomado apenas como representação, se vê como centro do mundo. A Vontade se mostra por meio de motivos que apontam unicamente para a conservação de si.

Há, segundo Schopenhauer, três modos de negação da vontade. São estes: o estético, por meio da arte, e os outros dois que são éticos, por meio da compaixão e da ascese⁵. O exercício da virtude pode levar o homem a uma negação momentânea da vontade quando esta ocorre por meio da compaixão. Porém, pela ascese essa negação pode alcançar níveis definitivos. No homem de disposição ascética, surge uma aversão pela essência do mundo, da qual ele é a expressão.

O asceta anseia pelo nada, um estágio superior de supressão dos desejos e interesses. Entendamos o conceito de nada proposto por Schopenhauer como um nada completamente alheio à carência, como uma negação positiva. É assim que termina a obra *O mundo como vontade e representação*, onde segundo sugere Schopenhauer, os planetas, as estrelas e as galáxias poderiam ser perfeitamente interpretados como o nada, o nada da negação, como o ser. A Negação em Schopenhauer é a inversão de perspectivas do mundo em favor da ética. O nada da negação nada tem a ver com a ideologia do fracasso da existência, mas do

⁴ cf. KANT, 2001.

⁵ Cf. SHOPENHAUER, 2005, Livros III e IV.

apaziguamento do querer egoísta pelo conhecimento. E sentimento compassivo é, segundo Schopenhauer, o meio da ação não egoísta, do amor ao próximo. É nítida a sua aproximação com a ética cristã, embora seja importante ressaltar que, quando Schopenhauer estabelece uma analogia entre elementos de sua filosofia e o cerne da religião cristã, o seu propósito não é oferecer uma interpretação segundo a razão das doutrinas de fé cristãs, mas confirmar o papel histórico de sua ética. Em razão do esclarecimento, a influência da religião teria desaparecido, assim como sua função ética. Sua filosofia é definida como uma metafísica imanente, pois ela é constituída pela interpretação e explicação da experiência, e fala da coisa-em-si apenas no seu relacionamento com o fenômeno.

Com isso, Schopenhauer reafirma a sua pretensão de formular uma ética através de uma fundamentação empírica, mas, apesar disto, sobre a pressuposição de uma metafísica. Essa ética fundamentada empiricamente (com a qual Schopenhauer se distancia tanto do Idealismo alemão quanto de todas as tentativas de uma fundamentação ética religiosa) pode ficar no lugar da moral cristã, na medida em que ela contém aquilo que tem relevância ética.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. Bíblia sagrada. Tradução de Padre Antônio Pereira de Figueiredo. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica, 1980. Edição Ecumênica.

KANT, Immanuel. Crítica da razão pura. Tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. 5. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

_____. Fundamentação da metafísica dos costumes. Tradução Paulo Quintela. Lisboa-Portugal: Edições 70, 1980.

_____. Crítica da razão prática. Tradução com introdução e notas de Valério Rohden baseada na edição original de 1788. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SCHOPENHAUER, A. Fragmentos para a história da filosofia. Tradução, apresentação e notas de Maria Lúcia Cacciola. São Paulo: Iluminuras, 2003a.

_____. O mundo como vontade e como representação. Tradução, apresentação e notas de Jair Barboza. São Paulo: UNESP, 2005.

_____. Sobre o fundamento da moral. Tradução Maria Lúcia Cacciola. São Paulo: Martins Fontes, 1995.